

**PESQUISA BASEADA EM ARTE:
CRIAÇÕES POÉTICAS
DESDOBRANDO MUNDOS
ARTS-BASED RESEARCH:
POETIC CREATIONS UNFOLDING WORLDS
RECHERCHE BASÉE SUR L'ART:
CRÉATIONS POÉTIQUES DÉPLOYANT DES MONDES**

Maria Cristina Diederichsen¹

Resumo

O presente artigo visa a contribuir com os estudos acerca da Pesquisa Baseada em Arte (PBA), trazendo um breve histórico desta metodologia e enfatizando a potência do gesto poético de propiciar modos ampliados de pesquisa. O artigo revisita a obra de Elliot Eisner, do grupo *A/r/tografia* e ressalta a contribuição dos desafios colocados por Jan Jagodzinski e Jason Wallin, propondo criações desviantes. Ao desestabilizar o olhar do senso comum e abrir espaço à invenção e ao encontro, a PBA pode operar, mais do que uma construção epistemológica, uma ação ontológica – um devir-arte, uma estética da existência, um acreditar na possibilidade do mundo e de maneiras outras de pesquisar, educar e viver. O ensaio propõe ainda visitas aos gestos transgressores nietzscheanos, que situam a arte no centro da vida e ao pensamento desviante de Deleuze, que se espalha em multiplicidades produzindo inícios.

Palavras-chave: pesquisa; educação; arte; experiência-do-fora.

Abstract

This article aims to contribute to the studies on Arts-Based Research (ABR), bringing a brief history of this methodology and emphasizing the power of the poetic gesture to provide broad ways of research. The article revisits the work of Elliot Eisner, of the *A/r/tography* group and highlights the contribution of the challenges posed by Jan Jagodzinski and Jason Wallin, proposing deviant creations. By destabilizing the gaze of the common sense and opening space for invention and encounter, the ABR can operate, rather than an epistemological construction, an ontological action – a become-art, an aesthetic of existence, a belief in the possibility of the world. The essay also proposes visits to the Nietzschean gestures, which locate art at the center of life and through the deviant thinking of Deleuze, which spreads out in multiplicities to produce beginnings.

Key-words: research; education; art; experience-of-the-outside.

1 Doutoranda pelo CED- UFSC, sob orientação da DRa Gilka Girardello. Sua pesquisa é acerca da Pesquisa Baseada em Arte, enquanto dispositivo de criações poéticas desviantes favorecendo uma estética da existência e um acreditar na possibilidade do mundo. Leciona arte nos ensinos fundamental e médio desde 1986. tintim54@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4487789323478231>
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8374-5440>

Résumé

Cet article vise à contribuer aux études sur la Recherche Basée sur l'Art (RBA), en apportant un bref historique de cette méthodologie et en insistant sur la puissance du geste poétique de fournir des modes de recherche élargies. L'article revisite l'oeuvre d'Elliot Eisner, du groupe A/r/tography et souligne l'apport des défis posés par Jan Jagodzinski et Jason Wallin, proposant des créations déviantes. En déstabilisant le regard du sens commun et en inaugurant la place à l'invention et à la rencontre, la PBA peut opérer, plutôt qu'une construction épistémologique, une action ontologique - un devenir-art, une esthétique de l'existence, une croyance en la possibilité du monde et d'autres moyens de rechercher, d'éduquer et de vivre. L'essai propose finalement de visiter les gestes transgressifs nietzschéens, qui placent l'art au centre de la vie, ainsi que la pensée déviant de Deleuze, qui se propage en multiplicités, produisant des débuts.

Mots-Clés: recherche; éducation; l'art; expérience du dehors.

ISSN: 2175-2346

No beiral...

O que é a realidade sem a energia deslocadora da poesia?

René Char

Neste ensaio, busco sobrevoar paisagens da Pesquisa Baseada em Arte (PBA), destacando algumas de suas concepções, que, acredito, podem detonar potentes processos de criação e investigação. Processos artísticos de pesquisa que tencionem os discursos hegemônicos, agenciem ressonâncias vivificantes tanto no autor quanto no leitor, propiciem uma estética da existência (FOUCAULT, 2015), desdobrando mundos outros e outras humanidades. Busco construir uma perspectiva da Pesquisa Baseada em Arte, que possibilite a criação de desvios e encontros, relações solidárias e empoderamentos, fazendo face às crises éticas, sociais e políticas que vivenciamos no Brasil, na América Latina e no mundo.

A Pesquisa Baseada em Arte surgiu nas últimas décadas do século XX, a partir de desejos de pesquisadores, nos contextos acadêmico e escolar, de produção, aprofundamento e legitimação de formas de pesquisa que, por utilizarem linguagens artísticas e abordagens estéticas, permitem tecer e mostrar olhares, relações e potencialidades que permaneceriam invisibilizadas em outras formas de investigação.

As práticas de PBA pressupõem o uso de linguagens poéticas – como as visuais, performáticas, literárias ou musicais –, nos processos investigativos, nas reflexões, na forma das escrituras, das apresentações e dos relatos. Estas metodologias artísticas de pesquisa propiciam modos ampliados de conceber, pensar e significar a pesquisa, criando relações e movimentos imprevisíveis, oportunizando visadas diversas, versos e reversos que poetizam o processo investigativo. Suas práticas, tanto empíricas quanto teóricas, visitam e recriam, através do ato artístico, as dimensões do humano e do inumano, do conhecido e do desconhecido, acolhendo a incompletude e a incerteza.

Acredito que a perspectiva poética, no âmbito da educação e da pesquisa, pode agenciar outras maneiras de se ver, viver e conviver; pode rasgar horizontes, vislumbrar saídas e outras possibilidades de mundo. Afinal, criar perspectivas poéticas é também possibilidade de instaurar outras formas de política, como nos sugere Walter Kohan: “em primeiro lugar no pensamento, uma política da experiência e não da verdade, uma política de interrogação permanente sobre a possibilidade e as formas da própria política, que a desinstale do lugar da impossibilidade.” (KOHAN, 2007, p. 52). Uma política que parta do questionamento do que somos para que possamos vir a ser de outros modos, em nossas formas de pesquisar e de educar.

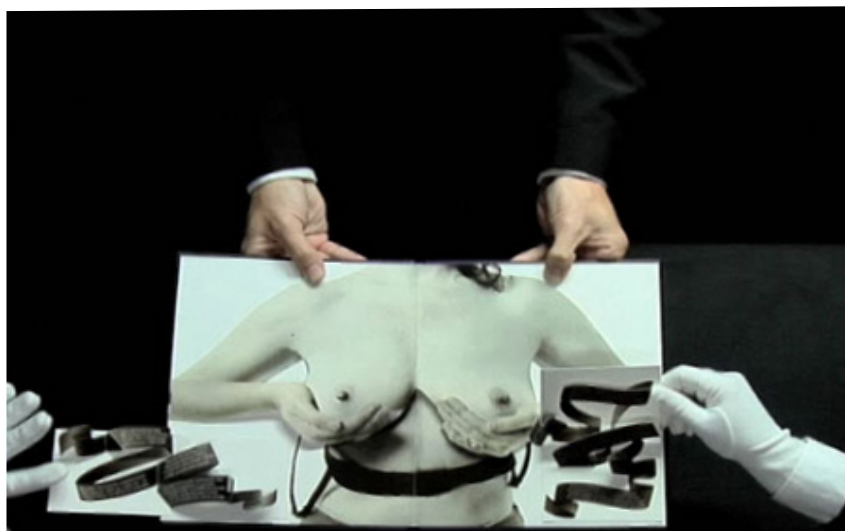


Figura 1 – Sophie Calle. Visionaire 55 – Surpresa. Fotografia. 2009.

Fonte: <https://fotoclubef508.wordpress.com/2009/01/11/visionaire-surpresa/>. Acessado em 08.11.2012.

Diante dos agigantados desafios que encontramos na educação na contemporaneidade, motiva-me entender o ensino da arte e a PBA enquanto potencializadores de *afetus*, de intensidades de vida e de linhas fuga (DELEUZE, GUATTARI, 1992). Inspirada em Gilles Deleuze (1990, p. 207), considero que, se devido às atrocidades cometidas pela humanidade “o vínculo do homem com o mundo se rompeu, reestabelecer este vínculo constitui uma questão ética por excelência”, sendo este o principal desejo que sustenta este trabalho. Ainda com Deleuze ressalto:

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. (DELEUZE, 1992, p. 222).

Os olhos artísticos criam outras paisagens, uma alegria dinâmica as embala, as colore, as torna mais vivas, instaura diferenças, não nos indispondo contra as condições dadas, “mas por cem maneiras de empregá-las com sentidos estranhos à ordem dominante, fazendo-as funcionar em outro registro” (CERTEAU, 2013, p. 89). A arte pode abrir brechas onde podemos jogar com as disciplinas impostas, em ações minúsculas que proliferam em meio às estruturas burocráticas, em “formas sub-rep-tícias que são assumidas pela criatividade dispersa e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos (...) compondo a rede de uma antidisciplina” (CERTEAU, 2013, p. 49).

Existem, de longa data, como veremos adiante, muitas pesquisas que desenvolveram investigações salientando elementos estéticos, constituídas através de modelos científicos. Em uma Pesquisa Baseada em Arte, diferentemente, é o teor artístico que estrutura e conduz toda a pesquisa. A linguagem artística na PBA não é utilizada como ornamento de um trabalho produzido cientificamente, mas é a forma da construção do trabalho e vai determinar o que e como ele comunica e o modo como afeta a recepção da obra. Estas metodologias de pesquisa foram sistematizadas e desenvolvidas a partir do trabalho de autores como Elliot Eisner (Stanford University), Tom Barone (Arizona State University), o grupo de pesquisadores

canadenses A/r/tografy, os europeus, Ricardo Marín Viadel (Universidad de Granada) e Fernando Hernández (Universidad de Barcelona) e a dupla Jason Wallin e Jan Jagodzinski (University of Alberta) à qual estou dando especial destaque neste artigo.

No Brasil, a discussão acerca da PBA encontra-se em estado inicial: contamos com a consistente tese de doutoramento de Sonia Tramujas Vasconcellos, intitulada "Entre (dobras) lugares da pesquisa na formação de professores de artes visuais e as contribuições da pesquisa baseada em arte na educação", de 2015 (UFPR), o livro "Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia" organizado por Belidson Dias (UnB) e Rita Irwin e publicado em 2013 (UFSM), e artigos de autoria de Marília O. de Oliveira (UFSM), Irene Tourinho (UFG), Regina Barcelos Machado (USP), Luciana Gruppelli Loponte (UFRGS), entre outros. O 24º Encontro Nacional da ANPAP, Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, realizado em Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 2015, contou com um Simpósio (o de n. 8) denominado *Pesquisa em Educação e Metodologias Artísticas: Entre fronteiras, conexões e compartilhamentos*. Este Simpósio, coordenado pelas professoras Miriam Celeste Martins, Sonia Tramujas Vasconcello e Marilda Oliveira de Oliveira, e com a participação de 16 integrantes, trouxe importantes contribuições para o aprofundamento e a discussão acerca deste tema.

A Pesquisa Baseada em Arte, na abordagem que aqui sustento, se aproxima da filosofia deleuziana, trabalha com *perceptos* e *afectos*. Os *perceptos* não são mais percepções, os *afectos* não são mais sentimentos ou afecções, mas transbordam a força daqueles que são atravessados por eles (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 213). O mundo da criação artística deixa de ser uma simples materialidade, convertendo-se num potencial e diversificado corpo de relações. O olhar sensível nos coloca na pele das coisas, não para compreendê-las, mas para animá-las, fazendo dos afetos a energia vinculadora de nossas relações. Colocamo-nos na pele do mundo, e "o mais profundo é a pele" (VALERY apud MACHADO, 2009, p. 35).



Figura 2 – M. C. Diederichsen, O mais profundo é a pele. Fotografia. 2010.

Há vivências que só podem ser experienciadas, sentidas e compartilhadas pelo gesto poético. O gesto poético é de uma outra ordem que o ordinário e o científico, ele sustenta uma qualidade de vivência que intensifica nossa existência, atualizando

nosso potencial enquanto criadores de realidades, de mundos, de sentidos. Instaura uma outra qualidade de tempo – Aion – uma outra qualidade de atenção, mais plena, sensível e presente, permeada pela força do caos e da vida. Estas potências do ato artístico podem ser trazidas para a Pesquisa.

Foi a valorização destas potências da PBA que encontrei no livro de autoria de Jan Jagodzinski e Jason Wallin, *Arts-Based Research – A Critique and a Proposal* (Pesquisa Baseada em Arte – Uma Crítica e uma proposta), de 2013. A maneira como Jagodzinski e Wallin concebem a Pesquisa Baseada em Arte é eminentemente política: sublinham a importância de pensá-la e constituí-la como uma “ética da traição”, uma prática desestabilizadora do senso comum dos discursos hegemônicos. Eles ressaltam a necessidade de se abandonar posturas que se mantêm atreladas às representações epistemológicas modernas e às concepções de sujeito fundadas sobre uma transcendência e uma interioridade sempre separada do mundo, tido como externo. É neste terreno que adentramos agora.

Sobrevoando a Pesquisa Baseada em Arte

No início do século XIX, os processos de industrialização e urbanização haviam trazido consigo diversos problemas sociais, de saúde pública e de educação. Naquele ocasião alguns pesquisadores e “jornalistas de investigação” tanto dos EUA quanto da Europa, realizaram um conjunto de estudos comunitários, que os levaram a utilizar linguagens artísticas para acessar as realidades investigadas e sensibilizar a opinião pública a respeito destas questões. Já em 1851, o inglês Henry Mayhew (1812-1887) iniciou a publicação dos quatro volumes do *London Labour and London Poor* (Londres trabalhadora e Londres pobre), que consistiu no registro, ilustração e descrição das condições de vida de trabalhadores e de desempregados, construídos a partir de “histórias de vida” e entrevistas.



Figura 3 – Jacob Riis, A boy in a glass factory. Fotografia. Museum of the City of New York, 1890. Fonte: www.xroads.virginia.edu/~ma01/davis/photography/riis/riis. Acessado em 12.12.2016.

No final da década de 1890 surgiram algumas investigações artísticas como a do fotógrafo dinamarquês Jacob Riis (1849-1914), que pesquisou os problemas vivenciados pela população nova iorquina, expostos no livro de sua autoria *How the other half lives* (Como a outra metade vive) (1890). O livro apresentava desenhos e fotos realizadas durante as intermináveis perambulações que o fotógrafo realizava nos quarteirões mais miseráveis da cidade. Uma das pesquisas sociais mais inovadoras foi a de Pittsburgh, realizada por um grupo de estudiosos em 1907, que apresentava descrições detalhadas, desenhos executados em carvão por vários artistas e muitas fotografias (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 20-24).

A Escola de Chicago nos anos 1920 e 1930 introduziu novos elementos de pesquisa, utilizando cartas, diários, fotografias, desenhos e outros objetos, penetrando os mundos sociais que queriam estudar, enfatizando a natureza social e interativa da realidade e do conhecimento. Os investigadores não buscavam uma posição de neutralidade, mas envolviam-se nas questões políticas que consideravam importantes (Idem, p. 28). Willard Woller (1889-1945), da Universidade de Chicago, em sua obra clássica *The Sociology of Teaching* (1932), utilizou entrevistas em profundidade, histórias de vida, observação participante, registro de casos, diários, cartas, desenhos e outros documentos pessoais, para pesquisar o mundo dos professores e dos alunos.

Muito interessante é também a obra do antropólogo Jules Henry (1904-1969), que viveu com os Xogleng de Santa Catarina de 1931 a 1934, junto ao rio Hercílio, na região que hoje é a reserva indígena de Ibirama, e que abrange quatro municípios, incluindo José Boiteux. Henry trabalhava com muitas fotografias e desenhos, e foi o primeiro a realizar uma pesquisa etnográfica com esta etnia indígena. Henry escreveu, em 1963, o polêmico e clássico (embora não traduzido ainda para o português) livro *Culture against men* (A cultura contra o homem), elogiando o papel das artes na educação e na pesquisa e questionando a dominação da racionalidade nas instituições culturais, particularmente na educação pública.

No decorrer do século XX, foram sendo criadas perspectivas que favoreciam visadas mais amplas e diversificadas acerca da singularidade humana, sobre nossos modos de significar a vida, construir linguagens, símbolos, mundos "reais" e imaginários, e também nossas subjetividades. Após a Segunda Grande Guerra, percorrendo os campos da teoria da relatividade, as profundezas do inconsciente, as fronteiras das lutas de classe, as derrocadas das grandes narrativas, as esquinas da virada linguística e as redes da explosão tecnológica e midiática, alguns pensadores e pesquisadores vêm buscando diferentes e poéticas formas de conceituar, pensar e realizar pesquisas em diversas áreas. A "virada literária" que ocorreu nos anos 1970 nas pesquisas em ciências humanas, se deu a partir de certas pesquisas qualitativas que atribuíram valor ao potencial de imaginação e criação que as criações literárias e artísticas ofereciam.

Muitas formas de pesquisa, a partir da descontinuidade proposta pelo pensamento pós-moderno, se utilizam da literatura e das artes, criando trajetórias investigativas onde os conceitos tradicionais de pesquisa são cingidos por deslocamentos, apontando às diferenças e não à unicidade do discurso. Uma destas vertentes é a Pesquisa Cartográfica. O conceito de "cartografia", neste âmbito, foi criado por Gilles

Deleuze e Felix Guattari, em *Mil Platôs* (1995), como um dos princípios do “rizoma”¹. Uma cartografia, ali associada à ideia de mapa, é uma instância aberta, ancorada na experimentação, que acompanha os movimentos múltiplos do rizoma, contribuindo para a conexão dos campos. A cartografia, ao invés de representar objetos e a realidade, acompanha processos, inventa novos olhares e novos caminhos no próprio caminhar. Como comenta Virgínia Kastrup (2012), a cartografia evita tanto o objetivismo quanto o subjetivismo, pois estes são faces da mesma moeda. O cartógrafo “acessa elementos processuais provenientes do território [...] onde o conhecimento que se produz não resulta da representação de uma realidade preexistente. O conhecimento surge como composição.” (KASTRUP, 2012, p. 49).

A Pesquisa Baseada em Arte surge dentre as várias tentativas de atualização destes outros “olhares”, destes outros modos de pesquisar. Em 1981, Elliot Eisner escreveu *The primacy of experience and the politics of method* (O primado da experiência e a política do método), onde propõe formas de avaliação baseadas nos procedimentos das críticas artísticas. Eisner e Barone publicam em 2006 o artigo “Arts-Based Educational Research” (Pesquisa Educacional Baseada em Arte), onde defendem as práticas investigativas que utilizam elementos artísticos e estéticos na busca de outras maneiras de olhar e representar a experiência.

Destaco também o artigo de S. Finley e J. Knowles, “Researcher as artist/ artist as researcher. Qualitative inquiry” (Pesquisador como artista/ artista como pesquisador, Investigação qualitativa), de 1994, apresentado no encontro da American Education Research Association, em New Orleans. Em 1997, a socióloga estadunidense Sara Lawrence-Light-Foot e a arte-educadora Jessica Hoffmam Davis publicaram o livro *The Art and Science of Portraiture* em um estudo pioneiro que desenvolvia um método de pesquisa qualitativa que desfocava as fronteiras entre estética e pesquisa empírica, “num esforço de capturar a complexidade, a dinâmica e a sutileza da experiência humana e da organização da vida.” (LAWRENCE-LIGHT-FOOT; DAVIS, 1997, p. XV).

Um grupo de pesquisadores canadenses, inspirados nas concepções de Eisner, desenvolveram, a partir da década de 2000, outras conceituações e práticas de investigação artística, que denominaram *A/r/tography* (A/r/tografia), talvez a modalidade de PBA mais conhecida no Brasil. São professores/pesquisadores da University of British Columbia, Canadá, entre outros: Stephanie Springgay, Rita Irwin, Carl Leggo, A. Sinner e Peter Gouzouasis. O grupo A/r/tografia define sua prática como uma forma de investigação que desafia as formas conservadoras de pesquisa, criando formas híbridas, habitando entrelugares e instaurando aberturas (SPRINGGAY; LEGGO; GOUZOUASIS, 2008). Os a/r/tógrafos instigam os pesquisadores a repensar suas múltiplas subjetividades: *Artist* (artista), *Researcher* (pesquisador) e *Teacher* (professor), não como identidades isoladas e sim como entidades, que “se multiplicam, se entretecem e se complicam” (SPRINGGAY; LEGGO; GOUZOUASIS, 2008, p. 37).

Quando encontrei em 2014 o livro *Arts-Based Research, a Critique and a Proposal*, de Jagodzinski e Wallin, eu já havia lido alguns artigos de Eisner,

1 Conceito criado por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, vol. 1 (1995), para se referir a constituição sistemas a-centrados, redes finitas, nas quais a comunicação se faz de um vizinho a um vizinho qualquer da multiplicidade, implicando deslocamento, evasão, ruptura, heterogeneidade, conexão, imprevisibilidade.

Hernandez, Belidson Dias, Rita Irwin e Marín-Viadel, acerca da PBA e questionava alguns de seus pressupostos. Na obra de Jagodzinski e Wallin encontrei análises que possibilitaram alargamentos em minhas reflexões e novas perspectivas para pensar as diversas modalidades de investigação artística. Estes autores propõem formas de PBA que não mais aspirem representar o mundo, mas que, pelo contrário, componham táticas de “dessedimentação” dos hábitos de reconhecimento, o que Deleuze e Guattari (1995) denominam “território”. Sugerem que, é na medida em que quebrarmos os hábitos perceptivos do senso comum, poderemos trabalhar com a liberdade e a força da arte. Vamos agora adentrar algumas destas questões.

Revisitando Eisner

All good art is an inquiry and an experiment. The artist is the researcher par excellence.

Lawrence Stenhouse (1991, p. 59)

Elliot Eisner é, por alguns autores, considerado o pesquisador que inicialmente sistematizou a PBA. Sua contribuição para o ensino da arte e para a PBA é vasta, tendo ele participado e presidido importantes movimentos e organizações de arte-educação, como a InSEA (International Society for Education Thought Art) e a DBAE (Discipline-Based Art Education). Já na década de 1970, Eisner defendia o potencial investigativo da arte no meio acadêmico. Ele escreveu diversos livros e artigos, entre eles o artigo “O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação” (2002), publicado no Brasil em 2008, na *Revista Currículo sem Fronteiras*.

Em parceria com Tom Barone, Eisner publicou em 2012 o livro *Arts Based Research* (Pesquisa Baseada em Arte), resultado de décadas de pesquisa e experimentação acerca do que pode ser uma Pesquisa Baseada em Arte. Em suas palavras:

O termo “pesquisa baseada em arte” não é autoexplicativo. Correndo o risco de simplificar demais o que é uma concepção complexa e multifacetada, vamos tentar, neste livro, descrever o significado desta frase de uma forma que a torne apreensível ou compreensível. Podemos dizer agora que a investigação baseada em arte é um esforço para empregar as qualidades expressivas da forma, a fim de permitir a um leitor desta pesquisa, participar na experiência do autor. (BARONE; EISNER, 2012, p. xii)².

Neste livro, os autores conceituam a PBA como uma pesquisa qualitativa que, através de procedimentos artísticos – literários, visuais, musicais e performáticos – busca possibilitar ao investigador, ao leitor e ao colaborador, experiências e formas de interpretar estas experiências (BARONE; EISNER 2012, p. XII). O propósito central que engendra suas reflexões neste livro é o de conferir legitimidade epistemológica à Pesquisa Baseada em Arte, especialmente no meio acadêmico, onde prevalece o

2. (Todas as traduções dos trechos de livros em língua inglesa, que constam neste trabalho, são traduções livres de minha autoria) “The term arts based research is not self-explanatory. At the risk of over simplifying what is a complex and multifaceted conception, we will try, in this book, to describe the meaning of that phrase in a form that makes it graspable or understandable. We can say now that arts based research is an effort to employ the expressive qualities of form in order to enable a reader of that research to participate in the experience of the author.”

entendimento do pensamento científico como único instrumento válido de pesquisa e construção de conhecimento. Estes autores defendem, inspirados no pensamento de John Dewey (1949), que o conhecimento deriva da experiência, tomando como experiência exemplar: a artística. Para Eisner e Barone, a PBA é “um esforço para utilizar as formas de pensar (...) e representar que a arte provê, como modos pelos quais o mundo pode ser melhor compreendido e através dos quais advenha um alargamento da mente”. (BARONE; EISNER, 2012, p. XXI).

Segundo Eisner, damos sentido ao mundo criando e trabalhando formas de representá-lo. As diferentes linguagens delineiam diferentes modos de expressão, plasmam o mundo de diferentes maneiras, plasmam diferentes mundos. “Cada forma de representação impõe seus próprios limites e provê seus próprios recursos” (BARONE; EISNER, 2012, p. 164-166). Para estes autores, métodos genuinamente efetivos em PBA são reconhecidos pelas perguntas que engendram, ou seja, não por fornecerem uma resposta ou uma solução correta para o problema, mas por criar questões que estimulem novas formulações e novas atitudes.

Na esteira de Maxine Greene (1995) e de Herbert Read (2001), Eisner e Barone enfatizam que a experiência estética oportuniza um “alto nível de consciência” sobre o que se vê e o que se vivencia. É esta qualidade ampliada de percepção e fruição, esta plenitude de atenção e de empatia, que os educadores e pesquisadores podem aprender com a arte. (BARONE; EISNER, 2012, p. 37). Nas palavras de Eisner e Barone:

A visão estética percebe o potencial de transformação dentro na fixidez – um bloco de madeira, um pedaço de argila, uma disposição de palavras, a configuração de uma sala de aula, ou o comportamento de um indivíduo ou de uma criança. A perspectiva estética é sempre de um ponto de vista específico, filtrado por um tipo específico de consciência. (...) Inclui emoção, imaginação e paradoxo. Ela abraça a complexidade. (BARONE; EISNER, 2012, p. 37)³.

Os autores questionam a premissa de neutralidade política encontrada em algumas das correntes tradicionais de pesquisa. O afastamento de um posicionamento político havia sido uma marca de várias escolas da estética – a busca do belo como uma instância transcendental, não manchada pelas relações de poder existentes no cotidiano. Eisner e Barone assumem outro posicionamento: “nós sustentamos que relações de poder são evidentes em todas as atividades e artefatos humanos, incluindo os artísticos” (BARONE; EISNER, 2012, p. 121)⁴. O caráter político de uma PBA pode se plasmar, para Eisner e Barone, de duas formas básicas: a primeira seria no desenvolvimento de “temas que sugiram a maneira pela qual o poder e os privilégios são distribuídos, ou mal distribuídos, em específicos nichos culturais” (BARONE; EISNER, 2012, p. 122); a segunda, na construção do caráter democrático da pesquisa, de modo a permitir que diversos pontos de vista possam ser devidamente considerados. A PBA, para estes autores, visa a questionar as “grandes narrativas” (LYOTARD, 1979), pois elas operam uma série de pressupostos que são

3. *“The aesthetic vision perceives the potential for transformation within any fixity – a block of wood, a piece of clay, a display of words, the configuration of a classroom, or the behavior of an individual or a child. Aesthetic vision is always from a specific point of view, filtered by a specific consciousness. It includes emotion, imagination, and paradox. It embraces complexity.”*

4 *“We hold with many other theorists that power relations are evident in all human activities and artifacts, including artistic ones.”*

tomados como verdadeiros e não como construções históricas, desenvolvendo, por vezes, um discurso totalizante e excluindo perspectivas alternativas.

Se Eisner e Barone valorizam o potencial epistemológico da arte, Jagodzinski e Wallin, como veremos adiante, enfatizam seu potencial ontológico. Para estes, mais do que um possível instrumento de construção de conhecimento, a arte é uma prática ontológica: a produção de maneiras de existir no mundo que não se submetam ao que “todos já sabem e aos discursos instituídos, já distribuídos dentro de um campo semiótico.” (JAGODZINSKI; WALLIN, 2013, p. 3). Jagodzinski e Wallin ponderam que Eisner e Barone, ao conceberem a arte como uma forma de representação, deixam escapar sua principal potência, a de criar e desdobrar mundos, de construir perspectivas que, à maneira da arte contemporânea, criem estranhamentos e abranjam as máquinas-desejantes do inconsciente. De acordo com Jagodzinski e Wallin, é justamente a traição do conceito moderno de sujeito enquanto locus da criação, esta abertura para uma qualidade pré-subjetiva, impessoal da criação, que constitui a força da PBA.

Penso que talvez Eisner e Barone não tenham atribuído importância à discussão que os filósofos europeus desenvolveram, desde os anos 1960, acerca das questões do sujeito e da representação, pois tratam a questão do “sujeito expressivo” a partir da noção moderna de sujeito transcendental, à maneira kantiana. Acredito que, para se alcançar os objetivos traçados por Eisner para a PBA, são necessárias ações artísticas que detonem processos de transformação como os que Foucault (2010) denomina uma “estética da existência”, ou como as micro-práticas poéticas de devir, cantadas por Deleuze (1997).

Revisitando a proposta A/r/tográfica

No livro *A/r/tography: Rendering Self Through Arts-based Living Inquiry*, Rita Irwin e Alex de Cosson (2004) definem a A/r/tografia como uma forma de representação criativa e analítica que privilegia tanto a linguagem discursiva quanto a artística, trabalha em um espaço intersticial, combinando os papéis do artista, do pesquisador e do professor. Estes autores explicam os papéis do artista, do pesquisador e do professor da seguinte maneira:

A arte é a reorganização visual da experiência que torna complexo o aparentemente simples ou simplifica o aparentemente complexo. A pesquisa é o realce do significado revelado através de interpretações contínuas de relações complexas que são continuamente criadas, recriadas e transformadas. Ensinar é desempenhar saberes construindo relacionamentos significativos com os alunos (IRWIN; COSSON, 2004, p. 31)⁵.

Estes autores propõem formas híbridas de investigação, onde o artista-professor-pesquisador indaga o mundo através de formas artísticas, onde estas funções são questionadas “em uma troca crítica que é reflexiva, responsiva e relacional, que

5. “Art is the visual reorganization of experience that renders complex the apparently simple or simplifies the apparently complex. Research is the enhancement of meaning revealed through ongoing interpretations of complex relationships that are continually created, recreated and transformed. Teaching is performative knowing in meaningful relationships with learners.”

está continuamente em estado de reconstrução e se tornando outra coisa completamente” (IRWIN; SPRINGGAY, 2008, p. 31)⁶. A A/r/tografia é muitas vezes descrita como uma investigação autobiográfica ou autoetnográfica (IRWIN; COSSON, 2004), um processo onde intelecto, sentimento, intencionalidade e autodeterminação se atravessam, propiciando uma reaprendizagem da compreensão do mundo e das experiências e memórias do pesquisador. No artigo “A/r/tography as living inquiry through art and text” (A/r/tografia como uma investigação viva, através da arte e do texto), Springgay, Irwin e Kind entendem a A/r/tografia

como uma perspectiva de interpretação de si mesmo, através de uma pesquisa viva entre arte e texto. É uma pesquisa que confere mais do que um simples significado a nossa experiência; seus fundamentos estão nas perdas, mudanças e rupturas que permitem emergir novos significados. (IRWIN, KIND, SPRINGGAY, 2005, p. 899).

Belidson Dias, organizador, em parceria com Rita Irwin, do livro *A/r/tografia*, comenta que as incursões da A/r/tografia se assentam no conceito de “visualidade, que se refere a como nós olhamos o mundo e que é particularmente relevante para a construção da representação do conhecimento” (DIAS; IRWIN, 2013, p. 22 e 24). Rita Irwin assume que para a A/r/tografia os conceitos são locais flexíveis e intersubjetivos, e as práticas têm um caráter coletivo, a partir da perspectiva de Estética Relacional de Nicolas Bourriaud (2009), incentivando maneiras de “devir” no mundo, como contiguidades, aberturas, reverberações e excessos (DIAS; IRWIN, 2013, p. 33). Irwin ressalta a necessidade de os a/r/tógrafos estarem em contato com o trabalho de artistas contemporâneos e “ponderarem como estas práticas podem influenciar suas percepções, os seus meios de realizar investigações e produzir conhecimento” (IRWIN, 2013, p. 30). Ela sublinha a importância da comunidade nas práticas a/r/tográficas, pois “nenhum pesquisador, artista ou educador, existe somente em si mesmo (...). As comunidades a/r/tográficas podem ser definidas pelo próprio ato de aproximação, pela condição de uma relação, de pertença” (IRWIN, 2013, p. 157).

Stephanie Springgay (2008) traz para A/r/tografia o conceito de *pesquisa viva* – o pesquisador e o processo investigativo estão em constante devir e, portanto, haverá sempre relações inexploradas. Carl Leggo aproxima a pesquisa viva da experiência de viver poeticamente: “Como poeta estou sempre procurando entender as formas e possibilidades que a poesia abre, de saber, ser e se transformar” (LEGGO, 2004, p. 29). A A/r/tografia propõe “investigações impregnadas de práticas [que] não são apenas agregadas à vida de alguém, mas são a própria vida deste, de modo que quem se é torna-se completamente emaranhado naquilo que se sabe e faz” (IRWIN, 2013, p. 72).

Jagodzinski e Wallin tecem importantes críticas e reflexões em torno das atuações dos integrantes do *A/r/tography*, que são seus amigos e companheiros canadenses. Questionam a maneira como o conceito de rizoma é por vezes utilizado sem atualizar a descentralização que o caracteriza, privando-o da radicalidade que só emerge quando se leva em conta a obra de Deleuze em sua totalidade (JAGOD-

6. “In a critical exchange that is reflective, responsive, and relational, which is continuously in state of reconstruction and becoming something else altogether.”

ZINSKI; WALLIN, 2013, p. 5). Interrogam o quanto os “a/r/tógrafos” realizam efetivamente o conceito de “abertura”, tão central em suas proposições teóricas, uma vez que valorizam em suas práticas, imagens representacionais da “vontade própria”, da “autodeterminação”, da “autodefinição”, o que implica algum centramento do sujeito na esfera mais fechada de uma vontade egoica. Jagodzinski e Wallin também advertem ser necessário “problematizar noções humanistas do sujeito que reterritorializam o mundo dentro da representação de perspectivas subjetivas do pesquisador, mantendo o sujeito enquanto princípio unificador” (JAGODZINSKI; WALLIN, 2013, p. 88-89).

Talvez “abertura”, acredito, se aproxime mais daquilo que Barthes (2004) chamou “A Morte do Autor”, quando nos lembra que “a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é este neutro, este oblíquo pelo qual foge nosso sujeito, o branco e preto em que vem se perder toda identidade” (BARTHES, 2004, p. 57). Penso que a abertura é de fato uma condição necessária à pesquisa, à curiosidade, à construção do conhecimento, quando, como sugere Foucault, a abertura:

é a curiosidade, a única espécie de curiosidade que, em todo caso, merece ser praticada com certa obstinação: não a que procura assimilar isso que convenha conhecer, mas aquela que se permite se desprender de si mesmo. Quanto valeria a tenacidade por saber se ela só assegurasse a aquisição de conhecimentos e não, de certo modo e até onde isso é possível, o extravio de quem conhece? Há momentos na vida em que a questão de saber se é possível pensar outramente de como se pensa e perceber outramente de como se vê é indispensável para continuar considerando e reflexionando. (FOUCAULT, 1984, p. 14).

A potência do encontro e a “ética da traição” – Jagodzinski e Wallin

Arts-Based Research, a critique and a proposal (2013), de Jan Jagodzinski e Jason Wallin, é um livro de grande densidade filosófica, que leva adiante as questões postas inicialmente pela PBA, desafiando e problematizando aspectos cruciais destas práticas investigativas. Estes autores propõem a PBA como um acontecimento de imanência ontológica, que, através de práticas artísticas, possibilita perceber e pensar de maneira singular, resistindo aos modos instituídos de se endereçar ao mundo. A importância da arte deixa de residir em sua forma e passa a ser sua força. E sua força é a de criar um acreditar no mundo, um acreditar que desatrele, fecunde e liberte as potencialidades da vida.

Jagodzinski e Wallin aprofundam o cruzamento da PBA com as perspectivas filosóficas de Deleuze, para quem um compromisso ético e político requer uma concepção da arte menos como objeto e mais como acontecimento (DELEUZE, 1998). Propõem formas de PBA que deflagrem um “ato transversal e transformador, que escape à lógica produtivista que o ‘capitalismo designer’ coloca em jogo” (JAGODZINSKI; WALLIN, 2013, p. 3)⁷. O foco central não é o que a arte é, mas o que ela pode fazer: desviar o caminhar do pensamento da mesmice representacional e dos

⁷ “A transversal transformative act that escapes productionist logic of modern power that designer capitalism puts into play.” O Capitalismo Designer (Designer Capitalism) é um termo cunhado por Jagodzinski para indicar uma sociedade de controle, como foi inicialmente descrita por Deleuze e Guattari (1995).

apelos midiáticos hegemônicos do neoliberalismo. Uma vez que as imagens e signos do senso comum se tornaram, na atualidade, o domínio do marketing, e estão disseminados nos modelos cognitivos de grande parte da população e das práticas educacionais, é imprescindível o questionamento da “fidelidade representacional” que eles operam, para que se possa produzir uma educação enquanto educere, capaz de nos “conduzir para fora” do espaço confinado em que nos encontramos culturalmente.



Figura 4 – Jenny Holzer (1950-). Proteja-me do que quero. Instalação em Neon, Times Square, NY. 1985. Fonte: www.e-flux.com/.../jenny-holzer-at-printed-matt. Acessado em 05.03.16.

Jagodzinski e Wallin (2013, p. 3) sugerem que, para conectar a vida à sua potencialidade de liberdade, possibilitando um “povo-por-vir”, ideia já vislumbrada por Nietzsche (2011, p. 16), as imagens dogmáticas do senso comum precisam ser “traídas”. Para Jagodzinski e Wallin, não é de se admirar que a PBA e a Cultura Visual tenham tido um aumento de popularidade na última década, já que vivemos atualmente em uma “cultura da imagem” e na imagem também se sustenta todo o discurso padronizante do consumo, tendo nosso olhar sido significativamente territorializado pela estética da indústria publicitária. Para estes autores, as estratégias capitalistas de marketing teriam capturado também nossos protestos e clamores por “diferença”, adotando uma abordagem de “colonização do olhar” superindividualizada, que apela para um narcisismo extremo, onde as subjetivações massificadas são vistas apenas como modos de “fazer negócio” e de sobreviver em nosso tempo inundado pelos valores econômicos.

As estratégias de *marketing* se aliaram às do biopoder (FOUCAULT, 2001) capturando a imaginação e o desejo e atrelando-os ao status conferido pelo consumo. É o que Jagodzinski e Wallin (2013, p. 21) percebem em movimentos como o “capitalismo verde”, que absorveram parte dos protestos ecológicos, transformando-os em mercadoria. Da mesma forma, a criatividade estaria sendo agora teorizada como uma mistura de arte, ciência e engenhosidade, determinando racionalidades para a arte-educação, atreladas ao empreendedorismo e à formação de trabalhadores criativos para as indústrias. São estas formas que precisam ser traídas para dismantelar

o fulcro das estratégias de desempoderamento e para instaurar outras e mais felizes práticas culturais, acadêmicas e escolares.

Jagodzinski e Wallin perguntam: qual é afinal a relação entre arte e pesquisa? Em sua abordagem, querem partir não apenas do problema de como o visual é colocado em relação com os sistemas acadêmicos de pensamento e ação, mas principalmente, com a necessidade de criação de imagens e signos que desafiem e traíam as “imagens do pensamento”. Em termos deleuzianos, a “imagem do pensamento” se refere a uma forma dogmática de pensamento, a uma forma particular de territorialização que efetivamente faz as pessoas pararem de pensar.

A arte tem, para Deleuze, uma “pressão secreta” que sacode o pensamento:

o que nos força a pensar é o signo. O signo é o objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. Ora, esta gênese implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas. [...]. Os signos da arte nos forçam a pensar, [...]. O signo sensível nos violenta [...] impulsiona o pensamento, lhe transmite a pressão da sensibilidade. (DELEUZE, 2010, p. 91-94).

Jagodzinski e Wallin nos convidam a criar formas de pesquisa que apreendam um “pensamento do fora” – algo irreconhecível que viole as imagens do pensamento, forçando-nos a pensar. A arte nos força a pensar e a

assaltar uma espécie de letargia através da qual os signos são sempre já distribuídos em um campo semiótico. No entanto, essa fidelidade representativa ainda não encontra o pensamento, nem ao menos uma educação formal capaz de “conduzir para fora”, ou de criar um encontro pedagógico com um pensamento do fora que possa novamente nos forçar a pensar. Esta é talvez a contribuição mais singular da arte para a educação, na medida em que demanda do ensinar e do aprender, algo radicalmente diferente do movimento voluntário da memória (reflexão), da aplicação de matrizes representacionais (transcendência) ou da implantação de leis conhecidas antes de que sejam aplicadas (moralidade). Este é o começo de uma ética na traição. (JAGODZINSKI; WALLIN, 2013, p. 5)⁸.

Os autores ressaltam importância de “libertar a vida lá onde ela é prisioneira”, e de inventarmos outros desdobramentos de mundo, caso contrário, terminaremos por “repetir uma ação e uma subjetividade que servem aos objetivos dos atuais neo-liberalismo e capitalismo” (JOGODZINSKI; WALLIN, 2013, p. 3).

8. *“To assault a kind of lethargy by which signs are always-already distributed within a semiotic field. However, such representational fidelity is not yet to encounter thinking, last a formal education [educere] capable of ‘leading out’, or otherwise, of creating a pedagogical encounter with out-side thought that might again force us to think. This is perhaps the most unique contribution of art to education insofar as it demands of teaching and learning something radically other than the voluntary movement of memory (reflection), the application of representational matrices (transcendence), or the deployment of laws known prior to that which they apply (morality). (...) This is the beginning of an ethics of betrayal.”*



Figura 5 – Adriana Varejão. Andar com fé. Fotografia. 2002.
Fonte: www.itaucultural.com.br. Acessado em 04.09.2015.

A PBA pode trabalhar a criação de ações onde a potência da vida seja intensa, desencadeando alegrias e encontros, pode instaurar um Corpo sem órgãos, como conceituado por Deleuze e Guattari (1995): potência criadora impessoal, não territorializada no Eu artístico, que transborde as estruturas e as molduras do pensamento. Pois não há um sujeito prévio, mas processos de subjetivação – fazer-se diferente, definir condições para que se possa estabelecer uma relação de força consigo, uma “dobra” sobre si mesmo, de inventar modos de existência capazes de resistir aos poderes instituídos (DELEUZE, 1992, p. 120).

O que pode, afinal, a Pesquisa Baseada em Arte?

Aposto na PBA como criação de modos de escapar da solidez enganosa do círculo asfixiante de nossos hábitos, dos determinismos e dos modos estereotipados de pensar e sentir construídos cultural e linguisticamente. Aposto na força micropolítica que a criação artística tem de suscitar acontecimentos, desestabilizar a banalização do dia, o entorpecimento da noite, a espetacularização do sonho, o lugar comum do pensamento, e de questionar e dissolver a estreita conformação que o discurso capitalista deposita seguidamente em nós, em nossas relações e nas instituições de ensino. Se podemos aprender com a PBA e com arte atual é porque ela nos põe diante de um impasse, diante do “absolutamente outro”, uma aprendizagem pela “não-aprendizagem”, se quisermos compará-la com tudo o que sabemos do que seja aprender. “Aprender, no senso comum, é segurar, agarrar, mas aqui, é justamente ver escorregar das mãos todas as possibilidades de agarrar. Um desafio” (KONESKI, 2009, p. 76).



Figura 6 – Guto Lacaz. Auditório para questões delicadas. Instalação flutuante. 1989. Parque do Ibirapuera, SP. Fonte: A Metrópole e a arte. São Paulo: Prêmio, 1992.

Acredito que a PBA pode colaborar para que exerçamos uma “ontologia do presente” (FOUCAULT, 2003), uma ontologia crítica de nós mesmos, escapando da dupla coerção política que a modernidade inventou e que nos aprisiona: de um lado, a individualização crescente; de outro, e simultaneamente, a totalização e a saturação das coerções impostas pelo poder.” (VEIGA-NETO, 2011, p. 40). Acredito que a Pesquisa Baseada em Arte pode, nestes tempos plurais – onde percebermos o real segundo uma singular visão de mundo, e onde há, como nos lembra Nelson Goodman (1992, p. 15), múltiplas e heterogêneas maneiras de se “fazer mundos”, e portanto múltiplos mundos –, colaborar na criação de “superfícies porosas de contato” entre as versões singulares e idiossincráticas de mundo, tanto da educação como na pesquisa, possibilitando e qualificando o “encontro” e o “coletivo”.

A Pesquisa Baseada em Arte nos traz a possibilidade de fazermos da percepção poética e da atitude ética uma decisão de vida, uma estética da existência, dando voz àquilo que não cabia nos lugares da linguagem comum, abrindo fissuras no campo da pesquisa, da academia, da escola, propiciando espaço para mudanças. Neste sentido, aposto também na contribuição da PBA para a formação de professores e pesquisadores, como instrumento multiplicador das possibilidades de linguagem e de maneiras de se revisitar as escorregadias, áridas e inquietantes paisagens da cultura contemporânea, propiciando estranhamentos, encantamentos e diferentes perspectivas, onde diferentes práticas investigativas, pedagógicas e de vida possam se ancorar.

Referências

BAIN, Read. *The Validity of Life Histories and Diaries*. In: *The Journal of Educational Sociology*, vol. 3, no. 3. Nov. 1929. pp. 150-164. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2961062>.

BARONE, Tom; EISNER, Elliot. *Arts based research*. Los Angeles: Sage, 2012.

_____. *Arts-based educational research*. In: GREEN, J; GRACO, C; BELMORE, P. (Org) Handbook of complementary methods in educational research. Mahwah NJ; AEREA, 2006.

BARTHES, Roland. *O rumor da Língua*. Trad. M. Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Características da investigação qualitativa*. In: Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Trad. Denise Botman. São Paulo: Martins, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luis Orlandi; Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1990.

_____. *Conversações*. Trad. Peter Paul Pelbart. São Paulo: Ed 34, 1992.

_____. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Paul Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto; Celia Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. *O Anti-Édipo, Capitalismo e Esquizofrenia*. 1. Trad. L. B. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DEWEY, John. *El Arte como Experiencia*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1949.

DIAS, Belidson & IRWIN, Rita. *A/r/tografia Pesquisa Educacional Baseada em Arte*. Santa Maria: Edufsm, 2013.

EISNER, Elliot E. "O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação". In: Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, Jul/Dez 2008. pp.5-17.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. São Paulo: Vozes, 1984.

_____. *Ditos e escritos: Problematização do Sujeito*. Trad. Ines Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

_____. *História da Sexualidade: a vontade de saber (vol.1)*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. *A Hermeutica do Sujeito*. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

GOODMAN, Nelson. *Languages of Art*. Indianapolis. In: Books-Merril, 1992.

GREENE, Maxine. *Releasing the Imagination*. San Francisco: Jossey- Bass; 1a edition, February 2, 2000.

GUBA, E.G.; LINCOLN, Y, S. *Naturalistic Inquiry*. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1985.

HENRY y, "La cultura contra el hombre". In: *Crítica a la escuela*. Antología preparada por Olac Fuentes Molinar, SEP-Ediciones El Caballito, México, 1985.

IRWIN, R; COSSON, A. (Org) *A/r/tography*: rendering self through art based living inquiry. Vancouver: Pacific Educational Press, 2004.

IRWIN, R; SPRIGGAY, S; A/R/Tography as Practice Based Research. In CAHNMANN,M; SIEGISMUND, R (Org) *Arts-based Inquiry in diverse learning communities*: foundations for practice. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2008.

_____. *A/r/tografia como forma de pesquisa baseada na prática*. In DIAS, B; IRWIN, R. *A/r/tografia Pesquisa Educacional Baseada em Arte*. Santa Maria: Edufsm, 2013.
JAGODZINSKI, Jan; WALLIN, Jason. *Arts Based Research, a Critique and a Proposal*. Rotterdam: Sense Publishers, 2013.

JAGODZINSKI, Jan; WALLIN, Jason. *Arts Based Research, a Critique and a Proposal*. Rotterdam: Sense Publishers, 2013.

KASTRUP, Virginia. *A invenção de si e do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter O. *Infância, estrangeiridade e ignorância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KONESKI, Anita. *A estranha fala da arte contemporânea*. Revista Palíndromo, n.3, UDESC. Florianópolis, 2009.

LAWRANCE-LIGHTFOOT, S; DAVIS, J. H. *The art and Science of portraiture*. San Francisco: Jossey- Bass, 1997.

LEGGO, Carl. *The curriculum of joy*: six poetic ruminations. In: Journal of the Canadian Association for Curriculum Studies. V2, n 2, p. 27, 2004.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, arte e filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Com-

panhia das Letras, 2011.

READ, Herbert. *A Educação pela Arte*. Trad. Valter Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SPRINGGAY, S; LEGGO, C; GOUZOUASIS, P. *Being with A/r/tography*, Rotterdam: Sense Publishers, 2008.

SPRINGGAY, S; IRWIN, R; KIND, S. *A/r/tography as living inquiry trough art and text*. In: *Qualitative Inquiry*, v. 11, n. 6, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Submetido em 14/09/2017
Aceito em 22/08/2019